
A fotografia na produção de lugar¹

Débora KLEMPOUS²

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

Esta pesquisa busca traçar relações entre os conceitos de fotografia e lugar, segundo a compreensão de ambas como evento (Azoulay, 2012, 2010; Massey, 2008). Nosso recorte é a produção fotográfica por meio de smartphones e suas particularidades, como a visão por meio da tela (Cooley, 2004), a noção de presença e copresença ausente (Hjorth; Pink, 2014; Hillier, 2007) e a emergência de novos espaços a partir da imbricação entre território físico e ciberespaço. A partir de levantamento bibliográfico e diálogo entre conceitos pertinentes ao tema, buscamos entender como a fotografia pode produzir lugares.

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia; lugar, smartphone; copresença; ciberespaço.

INTRODUÇÃO

O que é um lugar? A geografia não é a única dona desse conceito e, como nos conta Cresswell (2015), lugar pode representar tanto um objeto a ser investigado quanto uma maneira de olhar. Desde Platão, a filosofia ocidental consagrou o espaço como absoluto, ilimitado e universal, ao mesmo tempo em que o conceito de lugar ficou restrito ao reino do particular, do limitado, do local e do que é cercado (Escobar, 2001 apud Cresswell, 2015, tradução nossa). O iluminismo relegou os estudos de lugar à mera descrição, enquanto ao espaço foram desenvolvidas generalizações quase que científicas. Mas, na década de 1970, geógrafos humanistas começaram a desenvolver noções de lugar "tão universais e teoricamente ambiciosas quanto às abordagens sobre o espaço" (Cresswell, 2015, p. 34, tradução nossa).

O geógrafo chinês Yi-Fu Tuan foi um dos maiores expoentes desse período. Para ele, lugar é segurança e espaço é liberdade, sendo este mais abstrato do que o aquele.

O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor. (...) As ideias de "espaço" e "lugar" não podem ser definidas uma sem a outra. A

¹ Trabalho apresentado no GP Fotografia, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação na ECA/USP, e-mail: deboraklempous@usp.br.

partir da segurança e estabilidade do lugar, estamos cientes da amplitude, da liberdade e da ameaça do espaço, e vice-versa. Além disso, se pensarmos no espaço como algo que permite movimento, então lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que a localização se transforme em lugar (Tuan, 1983, p. 6).

Segundo Cresswell (2015), a imersão humana foi a prioridade ontológica para os humanistas, que beberam da fenomenologia e do existencialismo, a despeito de abstrações do espaço geométrico, mas associando lugar a uma experiência universal, sem reconhecer as diferenças entre as pessoas e suas relações próprias com os lugares. Os geógrafos da teoria crítica, do final da década de 1980, acrescentaram camadas como raça, classe, gênero e sexualidade para o centro da análise do conceito, sob a ótica dos conflitos sociais e culturais.

Geógrafos regionais falam de lugares como áreas de terra com seus próprios modos de vida; humanistas e filósofos narram lugar como um modo fundamental de estar no mundo; geógrafos radicais investigam o modo como lugares são construídos como reflexos de poder.

O artigo *A global sense of place*³, da geógrafa britânica Doreen Massey é considerado por Cresswell (2015) um apelo a uma nova conceituação de lugar, como algo aberto e híbrido, um produto de fluxos interconectados, de rotas em vez de raízes, a partir da "reimaginação das coisas como processos" (Massey, 2008, p. 44). Nele, ela discorre sobre ruptura espacial e fragmentação geográfica, causadas pela compressão tempo-espaço, que levou a uma crescente incerteza acerca do que se quer dizer com o termo lugar. Essa aceleração é bastante determinada por forças econômicas, mas existem muitos outros fatores que determinam a experiência de espaço e de lugar. E essa experiência não ocorre da mesma forma a todos.

Ela pede que o leitor imagine uma cena vista a partir de um satélite, em que seria possível observar tanto interações macro quanto detalhes, como a cor dos olhos de alguém. Cruzam a paisagem aviões e trens que encurtam distâncias, fluxos financeiros e transmissão de informações, uma massa de gente de todo tipo e suas relações. As pessoas se posicionam de modo distinto dentro dessa malha e assumem diferentes relações de poder.

³ Publicado originalmente em 1991 e reimpresso em 1994.

Massey (2000, p. 180) chama essa arquitetura de geometria do poder, em que a "compressão de tempo-espaço de alguns grupos pode solapar o poder de outros". Como, por exemplo, optar pela mobilidade pessoal, com o uso de um carro, impacta na lógica e na viabilidade do transporte coletivo, reduzindo a mobilidade dos que dependem desse sistema. Não cabe aqui o ideal romântico de lugar como unidade e coerência - o que tem levado a reações nacionalistas e conservadoras de oposição entre "nós" e "eles".

Nesse cenário, ela propõe o entendimento de lugar como "momentos articulados em redes de relações e entendimentos sociais (...) e que integra de forma positiva o global e o local" (Massey, 2000, p. 184). Se o lugar é feito de relações, que não são estáticas, então ele pode ser entendido como acontecimento. Se cada trajetória tem sua própria temporalidade, "aqui" é onde "as acumulações de tramas e encontros formam uma história" e "não será o mesmo 'aqui', quando não for mais agora" (Massey, 2008, p. 201). Lugar é entendido por ela como evento, sobre o qual se deve pensar conjuntamente, com diferentes molduras de escala e tempo.

Alguns estabelecimentos irão fechar definitivamente suas portas, uma enorme rede de varejo vai ocupar esses espaços e prédios com apartamentos de 25 metros quadrados podem ser levantados no seu bairro. Mas não é só isso. A paisagem vem sofrendo erosão, o clima está mudando e as rochas estão permanentemente se movendo. A compreensão de lugar como evento, em Massey (2008), reside na reunião do que aparentemente está relacionado, em oposição aos conceitos que o interpretam como dentro de uma temporalidade uniforme e inteligível.

O movimento e a consciência dele são o cerne dessa discussão que trazemos. É necessário, aqui e agora, entender lugar como uma série de encontros que produzem diferentes temporalidades. Assim como Doreen Massey entende lugar como evento, a teórica israelense Ariella Azoulay também defende a compreensão da fotografia sob o mesmo prisma.

ENCONTROS E CONEXÕES AUSENTES

Inicialmente, é importante destacar que a língua portuguesa não oferece distinção entre o processo de criar fotografias (*photography*) e a imagem resultante desse processo (*photograph*). Em ambos os casos aplicamos a palavra fotografia.

Portanto, quando nos referirmos ao objeto (*photograph*) utilizaremos a expressão imagem fotográfica daqui em diante. Azoulay (2012) entende a fotografia como um evento, sujeito a uma única forma de temporalidade composta por uma série infinita de encontros e formada por duas modalidades de evento (*eventness*): a primeira ocorre em relação à câmera ou a sua presença hipotética e a segunda ocorre em relação à fotografia ou à sua existência hipotética. Esses dois eventos se desdobram em diferentes lugares e em diferentes temporalidades, segundo a autora.

Ou seja, o evento fotografia integra também situações que não resultem em uma imagem fotográfica, se algum dos sujeitos envolvidos crê que possa estar sendo fotografado. Ou a lembrança de uma imagem fotográfica já fisicamente não mais existente. Além de produtor e espectador, o evento da fotografia incorpora outras formas de encontros e desencontros, porque nem todos os que participam do evento fotográfico estão conscientes do seu desenrolar e nem todos os envolvidos poderão ver o produto do evento fotografado. Pela constante presença da câmera ou da ideia de presença da câmera, a fotografia tornou-se um evento em potencial mesmo quando esse dispositivo não está presente.

Segundo Azoulay (2010), desde o seu início, a prática da fotografia foi considerada produtiva, o que a reduziu àquilo que ela produz, enfatizando o produtor da imagem como um agente livre e responsável pelo seu produto final, que almeja a soberania sobre o campo de visão, a partir do qual a imagem fotográfica foi produzida. Retirar essa prioridade do agente permite olhar para tudo o que está dentro da moldura "como resultante de um encontro entre vários protagonistas, que pode assumir diversas formas" (Azoulay, 2010, p.12, tradução nossa). O fotógrafo, mesmo que ocupe uma posição privilegiada de tomada de decisão, não é o único responsável por definir os limites da imagem fotográfica nem tem o poder de submeter todos os participantes desse evento a um único ponto de vista. A agência do espectador faz com que o evento da fotografia seja preservado como algo que carrega um potencial de renovação permanente e que nunca atinge seu fim.

Se o evento fotografia é composto de duas modalidades de evento, que se desdobram em diferentes lugares e temporalidades, mesmo que não exista a presença nem da câmera e nem da imagem fotográfica, não é na materialidade que se constitui o lugar gerado pelo evento. Sim, existe a sala do interrogatório, existe o país em guerra

onde a maior parte das pessoas fotografadas provavelmente nunca terá acesso às imagens produzidas de si mesmas. Mas a sala e a zona de conflito não são o elemento essencial para o desenvolvimento do evento fotografia e seus desdobramentos. Algo próprio, talvez, do potencial do evento fotografia, do ponto de vista inerente ao discurso e ao pensamento fotográfico, do encontro dos participantes desse evento - entre si e com outros objetos. E do caldo borbulhante de história e cultura onde tudo está mergulhado.

Para Azoulay (2012), a ontologia da fotografia é, sobretudo, política. Ela explica que, por aproximadamente 150 anos, a fotografia foi conceituada pela perspectiva do indivíduo atrás da lente, enquanto a maior parte dos seus usuários "nunca pararam de inventar novas formas de estar com os outros por meio da fotografia" (Azoulay, 2012, p. 14). Os dispositivos câmera e foto geram outros eventos que não estão sob o controle de quem os detém.

Acrescentemos à nossa análise uma particularidade própria do nosso tempo: a produção de fotografias com o smartphone. Diferentemente da câmera fotográfica que, geralmente, demanda uma intenção prévia, um evento festivo ou uma viagem para sair à passeio, os smartphones funcionam como extensões do corpo. Por se moverem cotidianamente com os sujeitos, as fotografias produzidas por esses aparelhos fazem parte de um processo de se criar associações ao vagar pelo espaço.

Hjorth e Pink (2014) narram uma situação em que uma jovem mulher toma um café em uma movimentada cafeteria de Seul, na Coreia do Sul. Longe de estar entediada ou solitária, ela escolhe uma selfie na galeria de fotos do seu smartphone e publica no Kakaotalk, uma rede social famosa no país. O lugar cafeteria serviu como uma importante motivação para o compartilhamento de uma imagem do seu telefone, o que a motivou a interagir com seus amigos, que são copresenças ausentes, segundo as autoras. Eles estão fisicamente ausentes e eletronicamente copresentes. Elas pegam o termo emprestado de Gergen (2002), que o entende por outro viés.

Para ele, o rádio, os dispositivos de gravação eletrônica, o cinema e a televisão são presenças monológicas e, embora essas tecnologias possam oferecer informações e estímulos e tenham facilitado uma mais ampla recepção coletiva, elas têm baixo potencial para um engajamento dialógico. Já o telefone, o vídeo, os jogos eletrônicos e a internet são entendidos como tecnologias de comunicação dialógica. O telefone celular foi a tecnologia que conseguiu potencializar a interação entre ausência e presença, mas

foi considerado por Gergen (2002) um promotor de distração nesses ambientes de presença.

No momento da escrita de seu texto, o telefone celular não oferecia acesso a internet e nem possuía acoplada uma câmera fotográfica. Entretanto, o autor previu que num futuro próximo o telefone celular iria funcionar como um pequeno computador e intensificar a ideia de presença ausente. A ele preocupava o crescimento de uma consciência desviada ou dividida, provocada pelas tecnologias de comunicação, especialmente o telefone celular. Para esse psicólogo americano, presença ausente é quando "alguém está fisicamente presente, mas é absorvido por um mundo tecnologicamente mediado de outro lugar" (Gergen, 2002, p. 227, tradução nossa)⁴.

Se Gergen (2002) consideraria a jovem uma presença ausente daquele café por estar com a consciência desviada para outro lugar, Hjorth e Pink (2014) entendem que as presenças ausentes são os amigos com os quais ela está conectada por meio da rede social e que, juntos, estão em copresença. Eles habitam localidades online e esses compartilhamentos "mostram a importância da sociabilidade de copresença nas práticas de lugar como algo mais do que apenas geográfico e físico" (Hjorth; Pink, 2014, p.3-4, tradução nossa)⁵.

Entretanto, a copresença, de acordo com o teórico dos estudos espaciais urbanos Bill Hillier (2007), não demanda interação entre as pessoas, mas apenas consciência da presença dos demais. Uma pessoa pode estar presente sozinha numa sala, mas se estiver conectada à internet ela pode estar em copresença ausente com outros que não estão fisicamente ali. Talvez ela esteja em copresença, mas em um outro lugar, formado pela junção entre o físico e o virtual.

HABITAR UM ENTRE NO SEU AO LONGO

É cada vez mais comum que as pessoas habitem um híbrido entre espaços físicos e digitais, com a mediação de tecnologias móveis e locativas. A extensa maioria dos smartphones disponíveis no mercado tem um receptor de Sistema de Posicionamento

⁴ One is physically present but is absorbed by a technologically mediated world elsewhere.

⁵ (...) shows the importance of co-presence sociality in the practice of place as something more than just geographic or physical.

Global (GPS) e um software correspondente para que os usuários possam identificar sua localização no mapa.

Essas tecnologias expandiram a percepção do espaço físico, criando condições para a emergência de novos espaços. Para Gordon e de Souza e Silva (2012), esses lugares são fabricados a partir da estrutura cultural e tecnológica por eles denominada "localidades em rede" (*networked locality* ou *net locality*). Lemos (2010) chama de "territórios informacionais" e Santaella (2008) denomina "espaço intersticial".

Por não estarem afixados em um espaço, as práticas informativas de lugar estão presentes desde o princípio da telefonia móvel, com a constante pergunta "onde você está?". O teor da conversa pode mudar radicalmente dependendo da resposta. Por mais que fosse possível detectar a localização de um dispositivo pela triangulação das ondas de rádio, a informação não era acessível aos usuários em geral (De Souza e Silva; Gordon, 2011).

A ideia de localidades em rede reforça o lugar como algo dinâmico, ao incluir um montante cada vez maior de informações baseadas na localização. Estas não estão apenas "anexadas" às interfaces dos dispositivos móveis e locativos, mas se tornam uma parte intrínseca aos lugares (Gordon; De Souza E Silva, 2012). Segundo os autores, tanto essas tecnologias quanto as informações com as quais elas interagem, que produzem e armazenam, não se encontram fora dos lugares e ambas participam da sua construção e habitação. A web é trazida para os lugares físicos e vice-versa. Eles narram o exemplo de um homem que caminha por uma avenida de Chicago e se depara com uma cafeteria que lhe chama a atenção. Saca o smartphone do bolso para conferir as avaliações do estabelecimento publicadas em uma rede social baseada na localização⁶ (*location-based social network*), como Foursquare e Google Local Guide. Os comentários não são muito positivos, mas, enquanto isso, ele visualiza uma notificação em outra rede social de que uma amiga marcou sua localização em um café nas redondezas. Ele muda de planos e caminha em direção a ela.

A cidade para esse homem não termina com o visivelmente observável. Ela contém anotações e conexões, informações e orientações de uma rede de pessoas e dispositivos que se estendem

⁶ Outra tradução possível é rede geossocial.

para muito além do que está à sua frente (Gordon; De Souza E Silva, 2011, p. 1, tradução nossa⁷).

Partindo da noção de localidades em rede, Gordon e de Souza e Silva (2012) entendem que as situações físicas permanecem, enquanto a atenção do usuário é liberada para uma ecologia de focos que, em vez de destruir os espaços urbanos, constrói experiências na sobreposição entre físico e virtual. Isso amplia os limites do espaço aristotélico, tipicamente associado às cidades. Os autores explicam que, o que Aristóteles chamaria de invólucro do espaço físico, é expandido, explodindo os limites das fronteiras tradicionais da extensão geográfica. O material com o qual as localidades em rede são construídas inclui conexões dinâmicas, interações sociais remotas e locais e informações baseados na localização.

Lemos (2008) cita como exemplo um parque com conexão Wi-Fi. Existe o espaço físico parque e o espaço eletrônico internet, que ele chama de ciberespaço. Quando alguém acessa essa rede Wi-Fi, ele está "imbricado no território físico (e político, cultural, imaginário, etc) parque, e no espaço das redes telemáticas. O território informacional cria um lugar, dependente dos espaços físicos e eletrônicos a que ele se vincula" (Lemos, 2008, p. 221). Ele define território informacional como uma zona de controle, criada pela intersecção entre espaços físico e eletrônico. O território informacional não tem fronteiras, as informações se dissipam irrefreáveis pelo espaço. Entender essa nova territorialidade, segundo o autor, é estabelecer limites para os fluxos de informações e, assim, garantir privacidade e anonimato.

Os smartphones podem ser ferramentas para encontrar uma amiga em uma cafeteria, mas também fomentam a invasão de privacidade e a violação do anonimato. Por isso, Lemos (2010, p. 84) defende a necessidade de negociar "as permeabilidades das invisíveis e eletrônicas bordas dos territórios informacionais" para combater formas de controle, monitoramento e vigilância, especialmente com fins comerciais, militares, políticos e policiais.

Já os espaços intersticiais "referem-se às bordas entre espaços físicos e digitais, compondo espaços conectados, nos quais se rompe a distinção tradicional entre espaços físicos, de um lado, e digitais, de outro" (Santaella, 2008, p. 21). Mesmo que essa

⁷ The city for this man does not end with the visibly observable. It contains annotations and connections, information and orientations from a network of people and devices that extend well beyond what is in front of him.

fronteira se torne difusa, os espaços físicos e digitais não deixam de existir individualmente. A partir deles é criado um terceiro tipo de espaço, conceitual, formado por "múltiplas camadas de conexões entre o físico e o virtual" (Santaella, 2008, p. 22).

Em todas as definições, impera a ideia de um terceiro espaço, criado pela imbricação entre ambiente físico e virtual, que é móvel e dinâmico e que não anula nem um nem outro. Mas o comportamento de quem se move com seu smartphone pode se alterar radicalmente a depender do conteúdo acessado no ciberespaço e atingir todo seu entorno. Uma reunião de trabalho em que um dos seus participantes recebe uma mensagem de término de uma relação pode ser fortemente impactada, mesmo que os demais não tenham acesso àquele conteúdo. Existem os ambientes físicos e virtuais, existe o lugar criado por eles, mas também participa dessa equação a detentora do aparelho, a pessoa que produz ou recebe a mensagem.

A experiência de visão tátil, em que mãos, olhos, tela e o entorno estão misturados, é chamada por Cooley (2004) de visão por meio da tela, que ele considera como uma maneira de olhar que é material e dinâmica. Ele nomeou de MDS (*mobile screenic device*) os telefones celulares, dispositivos computacionais e organizadores eletrônicos portáteis que, no seus processos de desenvolvimento tecnológico, foram equipados com telas de LCD (*liquid crystal display*) coloridas. Assim, a visão potencializou-se tátil e não limitada pelos olhos.

De acordo com Cooley (2004), os debates dentro e fora da academia acerca desse tema direcionaram-se a transformações na comunidade e nas interações, reconfiguração dos códigos sociais de interação, tendência a uma performance pública de uma conversa privada e a crescente confusão entre trabalho e lazer. Entretanto, inicialmente, deu-se pouca ou nenhuma atenção ao relacionamento particular entre usuários e seus MDS, nem na relação entre a tela e a visão.

Colley (2004) considera esse modo de visão não como uma prática de enxergar através de uma janela, mas olhar para uma tela. Ele entende a televisão e o cinema como janelas, porque estas são anteparos que distanciam os espectadores do que eles estão olhando. Já as telas dos MSD se fundem com o mundo enquanto ele acontece, estimulam uma experiência de encontro. Isso impacta na forma como o indivíduo se relaciona com aquilo que vê, já que a visão se torna uma extensão da tela. Porque a atenção não demanda uma direcionada presença absoluta e não está enclausurada por

muros da desconexão, ela pode ser entendida como um emaranhado de linhas que se enroscam.

As possibilidades de se permitir a localização de fotografias levaram Hjorth e Pink (2012) a repensar a produção e o consumo de imagens em movimento, por meio da inserção do contexto em que as práticas foram executadas. As autoras argumentam que os smartphones trazem o processo fotográfico como continuidade do movimento cotidiano, a partir da percepção e da construção de significados enquanto são disparadas as funções hápticas de interação com as interfaces da tela.

Mesmo em trânsito, as pessoas podem constituir conexões de lugar com locais de passagem, como o próprio movimento em si, entendido como uma prática social de construção de sentidos. Isso nos leva ao conceito de malha (*meshwork*), de Ingold (2012, 2015), utilizado para fundamentar a noção de lugar por Hjorth e Pink (2012). O termo malha, emprestado de Lefebvre (1991 apud Ingold, 2012), enfatiza o caráter nômade, sempre em movimento, opondo-se ao conceito de rede.

Se a malha é formada pela peregrinação, segundo Ingold (2015, p. 223), a rede se refere ao transporte, que é "essencialmente orientado para um destino, como se o passageiro carregasse a sua assinatura consigo, enquanto é transportado de um lugar para outro". Imaginemos uma rede, formada por pontos conectados por linhas. Nesse modelo, os pontos são entidades fechadas e pré-determinadas, destacadas do mundo por uma circunferência, que se deslocam lateralmente ao longo de uma superfície. Eles permanecem distintos das linhas de conexão - sempre retas, como se as linhas só pudessem assumir essa forma. Antes da integração na rede, cada um desses elementos precisa, necessariamente, estar fechado no seu próprio perímetro e o arranjo todo pode ser visto como um mapa de rotas, e de uma só vez (Ingold, 2015, 2022).

A malha é formada por linhas, entendidas pelo antropólogo como trajetos em movimento e crescimento, que não separam dentro e fora, mas que se dão ao longo. Algumas teorias da sociologia e da antropologia que tratam da ideia de rede adotam uma perspectiva relacional, com foco nas conexões, mas, afirma Ingold, "as coisas *são* as suas relações" (Ingold, 2015, p. 119)

Hjorth e Pink (2014) entendem lugar consonante ao conceito de malha desenhado por Ingold (2012, 2015, 2022), isto é, um emaranhado de linhas em movimento, formado pelas intensidades com as quais se enredam umas às outras. Para

as autoras, essas linhas são trajetórias de organismos humanos e não humanos, tecnologias, moralidades, discursos, relações de poder, corporações etc., sempre em movimento. Elas trazem essa perspectiva também para a compreensão da fotografia, em que as imagens estariam presentes nesse emaranhado, na forma de linhas/trajetórias, assim como o produtor, o receptor, a câmera etc.

Ingold (2015, 2022) é ainda mais específico na definição de lugar. Ele o define como um nó formado por linhas de peregrinação, onde vários acontecimentos se entrelaçam e que vazam para outros lugares formando outros nós.

Uma casa, por exemplo, é um lugar onde as linhas de seus residentes estão fortemente atadas. Mas estas linhas não estão contidas dentro da casa tanto quanto os fios não estão contidos em um nó. Ao contrário, elas trilham para além dela, apenas para prenderem-se a outras linhas em outros lugares, como os fios em outros nós (Ingold, 2015, p. 220).

Assim, o lugar não contém a vida, mas é formado pelas linhas ao longo das quais a vida acontece, e estas são unidas no nó e não por ele. Como esse exemplo pode confundir, melhor destacar: as linhas de movimento não representam só seres humanos, mas também não-humanos, fenômenos e coisas. E os lugares são muito mais do que paredes erigidas em um terreno, cobertas por um telhado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fotografia é compreendida aqui para além do conteúdo visual das imagens produzidas por aparelhos, incorporando-se às práticas implicadas no movimento de como se percebe e se sente o ambiente físico, os encontros entre os sujeitos participantes do evento fotografia e as particularidades da produção fotográfica com smartphones, chamada por Hjorth e Pink (2014, 2012) de *camera phone practices*.

Basta entrar em um ônibus, trem ou outro meio de transporte para constatar as luzes brancas dos celulares projetadas sobre os rostos dos passageiros. O sujeito munido de smartphone e conexão à internet produz lugares, enquanto o veículo se dirige ao seu destino. Ao acessar a rede de dados, o usuário não é transportado do lugar-ônibus para o ciberespaço, não tem sugado seu rosto pela tela do smartphone como na série *Sur-Fake*

do artista Antoine Geiger⁸. Ele continua, física e sensorialmente ali, enquanto transmite informações pessoais que podem ser captadas e utilizadas sem o seu consentimento.

Uma imagem fotográfica sempre será de algum lugar, pela sua particularidade de estar conectada a um referente. Depois, se guardada, ela irá ocupar um lugar - seja uma unidade de disco rígido, uma gaveta ou uma rede social. Mas também, seguindo a concepção de lugar proposta por Massey (2008), podemos entender que a fotografia como evento produz lugares. Nos encontros com a imagem fotográfica, com a câmera ou com a simples ideia de ambas e na junção entre os espaços físico e digital, que produzem lugares de copresença - aí compreendido o compartilhamento de fotografias em redes sociais. Mas também a própria imagem fotográfica em si pode ser entendida como lugar. Um espaço de encontros.

REFERÊNCIAS

AZOULAY, Ariela. **Civil Imagination**: a political ontology of photography. London: Verso, 2012.

_____. What is a photograph? What is photography? **Philosophy of Photography**. v. 1, n. 1, p. 9–13, 2010.

COOLEY, Heide R. **It's All About the Fit**: the hand, the mobile screenic device and tactile vision. *Journal of Vision Culture*, v. 3, p. 133-155. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/1470412904044797>>. Acesso em 18 abr. 2024.

CRESWELL, Tim. **Place**: an introduction. Malden: Blackwell, 2015. E-book.

GERGEN, Kenneth J.. The Challenge of Absent Presence. *Perpetual Contact: Mobile Communication, Private Talk, Public Performance*, p. 227-241, 2002.

GORDON, Eric; DE SOUZA E SILVA, Adriana. The Urban Dynamics of Net Localities: how mobile and location-aware technologies are transforming places. In.: WILKEN, Rowan; GOGGIN, Gerald. (Org.) **Mobile Technology and Place**. Nova Iorque: Routledge, 2012.

_____. **Net Locality**: why location matters in a networked world. Oxford: Wiley Blackwell, 2011. E-book.

HILLIER, Bill. **Space is the machine**: a configuration theory of architecture. E-edition. London, Space Syntax, 2007.

HJORTH, Larissa; PINK, Sara. New Visualities and the Digital Wayfarer: Reconceptualizing camera phone photography and locative media. **Mobile Media & Communication**, v. 2, n. 1, p. 40-57, 2014.

⁸ Disponível em <<https://www.pristina.org/fotografia/antoine-geiger/>>.

_____. Emplaced Cartographies: reconceptualizing camera phone practices in an age of locative media. **Media International Australia** (MIA), n. 145, p. 145-155, 2012.

INGOLD, Tim. **Linhas: uma breve história**. Trad. Lucas Bernardes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

_____. **Estar Vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis: Vozes, 2015.

_____. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, v 18, n. 37, p. 25-44, 2012.

LEMOS, André. Mídias Locativas e Territórios Informacionais. In Santaella, L., Arantes, P. (ed), In **Estéticas Tecnológicas. Novos Modos de Sentir**, São Paulo: EDUC., p. 207-230, 2007.

MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade**. Trad. Hilda Pareto Maciel; Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

_____. **Um sentido global do lugar**. In: ARANTES, Antônio. (org.). O espaço da diferença. Campinas, SP: Papius, 2000.

SANTAELLA, Lucia. A estética política das mídias locativas. **Nômadias**, Instituto de Estudios Sociales: Bogotá, n. 28, p. 128-137, 2008.

THRIFT, Nigel. **Non-Representational Theory: space, politics, affect**. Nova Iorque: Routledge, 2008.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.